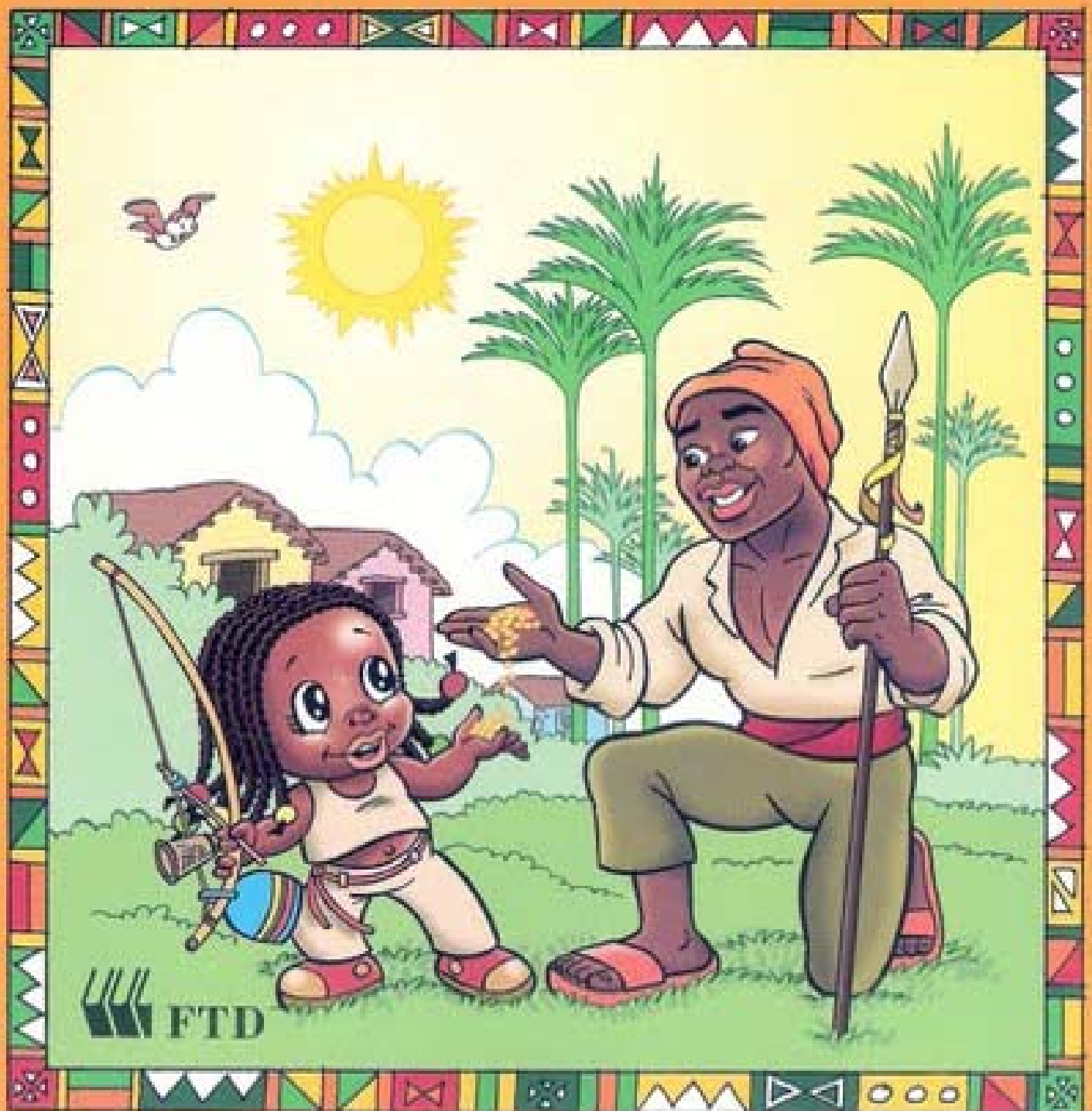


LUANA

As sementes de Zumbi

AROLDO MACEDO • OSWALDO FAUSTINO



AROLDO MACEDO - OSWALDO FAUSTINO

LUANA

As sementes de ZUMBI



Ilustrações:
Mingo de Souza

1ª edição

 **FTD**

São Paulo - 2007





Muito prazer!

Se você ainda não me conhece, vou me apresentar: meu nome é LUANA!

Tenho 8 anos, gosto muito de brincar, estudar, ler livros com histórias interessantes e adoro jogar capoeira.

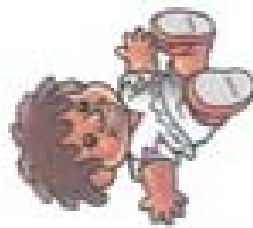
Mas, olha, eu fico danada da vida quando vejo injustiças.

Dizem que sou “antenada” com meu povo, com sua história e com sua cultura. Cá pra nós, sou mesmo. Adoro esta terra chamada Brasil e sou supercuriosa pela história da nossa nação.

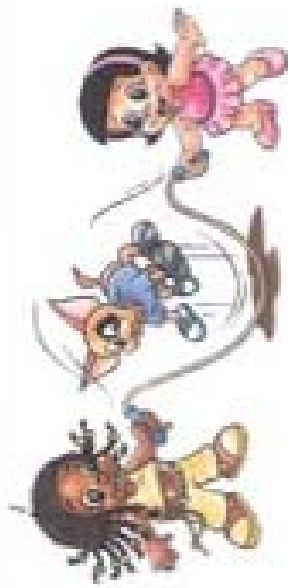
E, agora, vou contar um segredo: eu tenho um berimbau mágico! Seu toque me faz viajar, no tempo e no espaço, para qualquer lugar, no passado ou no futuro. Não é legal isso? E eu sempre descobro coisas incríveis. Uma dessas viagens está aqui, neste livro.

Como não gosto de viajar sozinha, aperte bem o cinto e embarque comigo ao som do nosso berimbau. Boa viagem!

DERENDENDÉMMMMMMMMM...



Os autores dedicam este livro a todas as Luínas e "Sementes de Zumbi" do Brasil, que tornam este país mais rico, fértil e diversificado.



Este livro está organizado assim:

- Um som, uma sombra, um susto... 7
- 10 Uma menina, um chamado, uma viagem...
Tempo de correntes e chibatás 14
- 17 Pessoa é diferente de coisa
Bem-vinda, esperançal 22
- 27 Cem anos na ponta da língua
O sonho do rei Zumbi 33
- 40 Homens movem... É sonhos?
Sementes de orgulho e liberdade 38
- 49 Palmares sem segredo
Minivocabulário 46

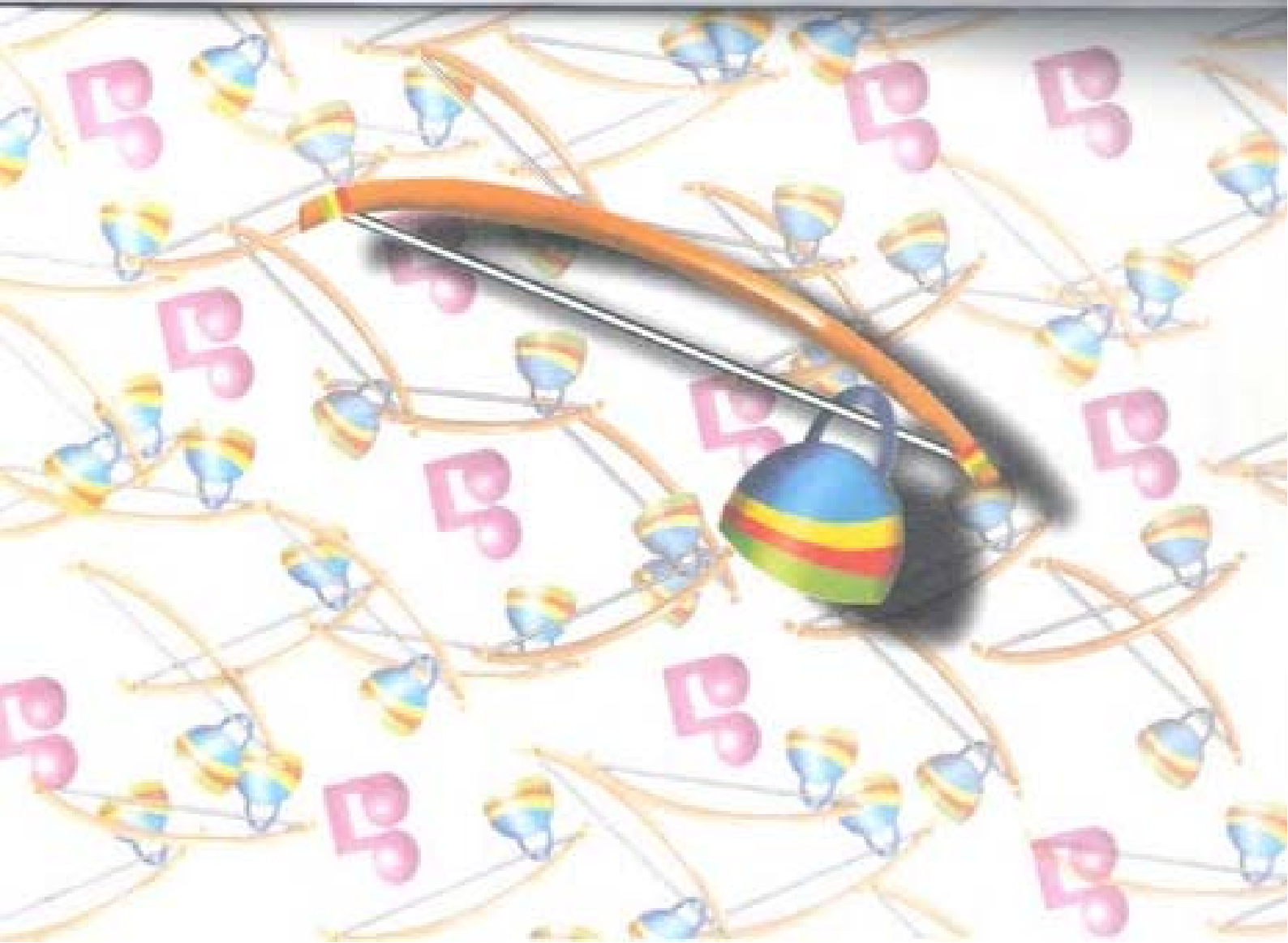
Um sono, uma sombra, um susto...

Tum dundum bac – Tundum dundum bac – Tundum dundum bac... Tatá tatá tatá...

Luana acorda assustada. Um raio de luar entra pela janela aberta do quarto às escuras, atravessa a tenda da cortina e projeta sombras na parede. Sombras que vivem mistros, com muitas cabeças, garras, chifres, bocas que respem fogo...

Elas saem colare a face da garotinha, que abraça forte o boneco Benduquê, presente que a vovó Josefa conseguiu com feltro preto, seda branca, miçangas, fitas, recheio do mais macio algodão e muito amor... um legítimo capoeira...

*"Capoeira que é bom não cai.
Mas se um dia ele cai,
cai bem!"*



O sorriso do boneco-capoeira e a lembrança da canção fazem Luana recordar-se de um aviso da vovó Josefa: "O medo só serve para alimentar medos ainda maiores. Nossa capacidade para criar monstros é a mesma que nos ajuda a ter idéias luminosas. Você escote o que a deixa mais feliz".

De repente, reacende a coragem de Luana, menina-malungo... Ela salta da cama, faz uma estrela e a sola de seu pezinho bate na parede, bem na principal cabeça do pavoroso fantasma. Ela gira, dá um rabo-de-arraia, cai de pé, ergue os bracinhos e grita:

- Axé!



Como num passe de mágica, o que era um montão mudo se transforma numa bonita paisagem, um imenso jardim com rosas, borboletas esvoaçantes e até uma cachoeira da qual escorre um rio, que lava tudo o que poderia ser chamado terror...

Mais tranquila, Luana se lembra do que a fez acordar o som dos tambores... dos tambores falantes... é isso mesmo!

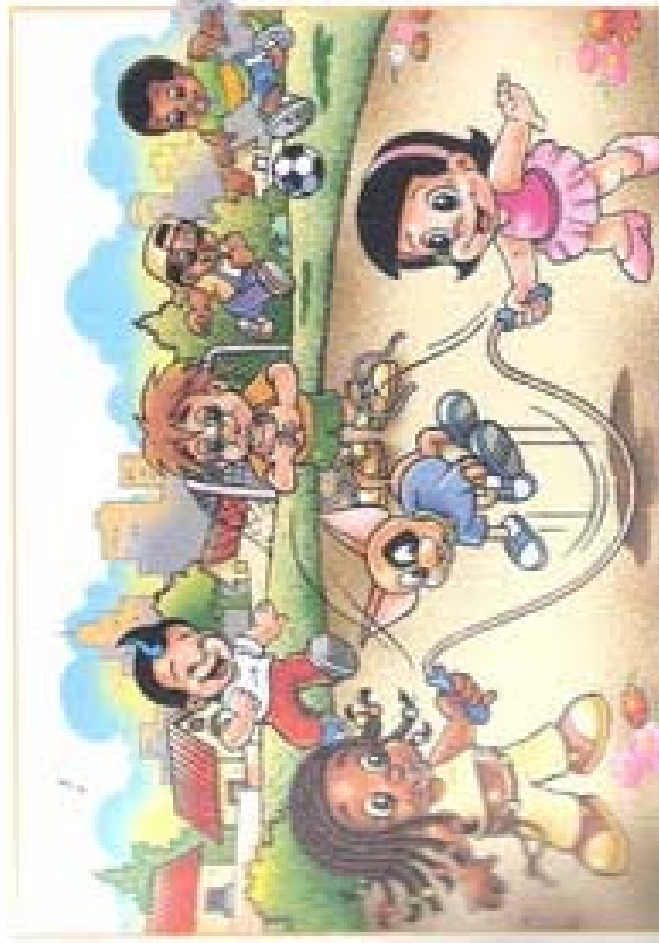
Bum-dundum bac - Tandum dundum bac - Tatá tatá tá tá...

E Luana entende tudo o que eles estão dizendo: "Aum, Luana, esperança de Palmares! Esperança dos acrobatas de Zumbi!"

Uma menina, um chamado, uma viagem...

A pesar de ter apenas 8 anos, Luana é uma verdadeira guerreira. Joga capoeira como ela só. Vive em Cafindé, com o papai, a mamãe e o irmãozinho. Sempre que olha no espelho, abre um sorriso: sabe que é uma menina linda.

Isso ela aprendeu com seus familiares, principalmente com a vovó, que lhe conta histórias da origem de seu povo. São histórias que a fazem ter orgulho de ser uma criança negra, como a maioria dos moradores de Cafindé, esse remanescente de quilombo.



De tempos em tempos, vai com os pais à capital, onde se encontra com uma turminha muito especial. Ao lado de seus amiguinhos, ela descobriu que a beleza da gente não depende da raça, da cor, da idade, se é homem ou mulher, gordo ou magro, alto ou baixo. Depende, apenas, de como você se sente: bonita ou feia. E a turma só tem criança bonita, porque só tem criança feliz.

Mas hoje, em seu quarto, a pequena guerreira está sozinha, ouvindo o batucar dos tambores falantes, que vem de muito longe, muito mais longe do que você pode imaginar.



Corra no espaço e no tempo...

Tum dundum bac – Tundum dundum bac... ” ... esperança de Palmares! ... das sementes de Zumbi!”

Todos em Cafindé já ouviram falar de Palmares. Mas por que os tambores estão dizendo que Luana é a esperança do mais famoso quilombo da história do Brasil, liderado por Zumbi, seu grande herói?

Nesse momento sua atenção é atraída pelo berimbau ao lado da cama. Num relance ela se lembra de como ele se tornou mágico: foi um raio encantado, que caiu bem na corda do berimbau. Hoje, quando ela tem necessidade de conhecer outros tempos e lugares e o deseja muito, de verdade, é só tocar o instrumento que ele a leva para onde ela quiser.

O berimbau parece sorrir para ela, parece chamá-la. Luana não tem tempo para avisar os pais sobre a luz e o som que a acordaram. Apanha o arco do berimbau, a vareta, o caxixi... e o som ecoa pelo quarto... Derendém... derendém... derendém, derendém... derendém... ecoa pela casa, pelo mundo aí fora... Derendém... derendém... derendém, derendém... TCHMMMMMM!... um zunido toma conta de tudo que começa a girar enlouquecidamente... Dzummmmm...dzummmmm...

 EHI VOLTA NO MUNDO, CAMARÁ!
 EH, EHI MUNDO DÁ VOLTA, CAMARÁ!



Tempo de correntes e chibatatas

Só quando o som silencia, Luana percebe que estava de olhos fechados. Ela já viajou bastante no tempo e no espaço, mas ainda não se acostumou com essa sensação estranha de zumbidos e giros sem fim, que toma conta de seu corpo e espírito toda vez que toca o berimbau mágico...

Muito de-va-gar-zi-nho ela vai abrindo os olhos... Mesmo sabendo onde vai estar, ela sempre espera uma surpresa.

O sol nascente atrás dos morros desenha a silhueta da serra da Barriga. Os tambores, porém, estão silenciosos. Nem uma viva alma está acordada naquele sertão. Luana tenta sentir medo, mas o medo não vem... nem parece que ela tem só 8 anos.



Um, nheco-nheco choroso vem de longe, lá do fundo do vale. Ela corre para ver o que é. Lá embaixo, na estradinha de terra, aparece um carroção puxado por dois bois, carregado de cana-de-açúcar. Um homem negro, debaixo de um chapelão de palha, toca os bois.

Força, Marruá! Puxa, Mozambão! Leva a cana pra moenda. Cada gomo é mel do baão!





– Ei, moço, pra onde o senhor está indo?

Um susto danado leva o homem:

– Cruz-credo, mangalô, três voís... isso é coisa de assombração! – Dá um salto para trás do carroção e procura de onde vem aquela voz.

Saindo de trás de um arbusto, o sorriso de Luana tenta acalmar o carroceiro:

– Desculpe se eu assustei o senhor.

Só então ele percebe que é uma garotinha:

– O que tu estás fazendo aqui? Se capitão-do-mato te descobre, te leva de volta pra senzala, te prende no pelourinho, chibata come teu corô, te bota cangalha e não vai ter mucama que consiga te manter na casa-grande...

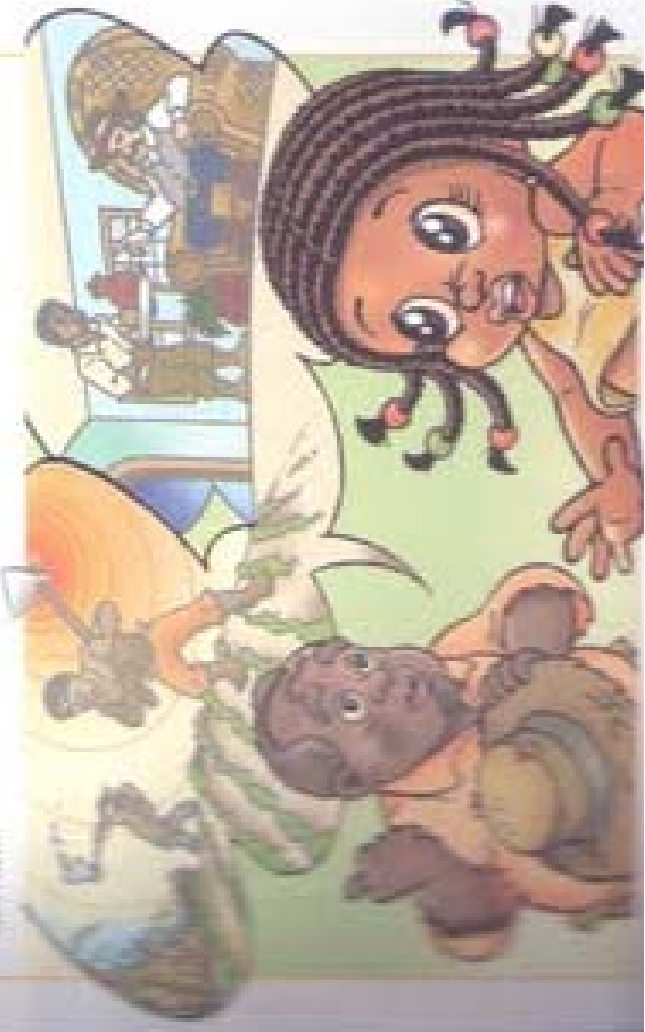
Capitão-do-mato, senzala, pelourinho, chibata, cangalha, mucama, casa-grande... palavras que antes só tinha ouvido falar, mas agora parece que vão fazer parte de sua vida.

Pessoa é diferente de coisa

– **V**em, menina, sobe aqui no carroção que te escondo do feio da cana. Tô indo pra moenda. Tu não deves ser escrava de lavoura, não. Tens mãos e pés finos, pele bonita. Deves ser escrava de trato.

“Tu viva de trato... que será isso?”, pensou Luana.

O quebô – é assim que se chama aquele homem escravo que ele é escravo de lavoura, trabalha de sol a sol. Nôta foi chamado de moço nem de senhor. Alguns mestres trabalhavam na casa-grande e fazem trabalho doméstico, que é bem mais leve. Mesmo assim, é duro demais.



Conta que foi caçado nas terras de Ngola, na África, e, juntamente com um montão de outros africanos e africanas, jovens e crianças, velhos e crianças, foi colocado num navio. Ao chegar ao porto da Bahia, um mercador escolheu trinta dos homens e mulheres que estavam no porão do navio e os levou para a capitania de Pernambuco. Lá chegando, numa praça da Vila do Recife, do alto de uma escadaria, fez o pregão:

– Venham todos! Venham todos... tenho aqui trinta belas peças de Angola (quem não é africano não consegue falar Ngola). Negros fortes, bons pro trabalho, dóceis, bons dentes... e negras boas para dar cria, antãs largas e peitos fartos para amamentar...

Luzia se lembra de que vovó Josefa já lhe contou uma história igualzinha. O homem parece não se incomodar em ser chamado de “peça”, que é o mesmo que o chamar de “coisa”.

1 explica para a menina:

Eu já tô velho. Nasci muito longe daqui, do outro lado do mar, mas já vivo muito tempo nestas terras da capitania de Pernambuco, terra preta, massapé, terra de plantar cana. Sou banto de pai e de mãe... e já cansei de fugir... eu fujo, capitão-do-mato me pega, me põe a campala e chubata come meu lombo... já passei dos 30 anos e esse covo quase nunca passa dos 40... minha vida, agora, é só cortar cana e levar pra moenda... e dizer “sim, sim, sim, sim, sim, sim”.



- Desculpe, moço, mas não vou pra lá, não.

Expedito fica surpreso:

- Mas tu vais pra onde?

Lá não vê mais Luana, que saltou do carroção, só ouviu sua voz se distanciando:

Vou para Palmares! Vou descobrir o sentido da palavra liberdade!

O olhar de Expedito volta a ficar acinzentado e triste. Ele já desistiu de lutar, aceita as coisas ruins da vida como se nunca pudessem ser mudadas e sussurra:

Contado com as tropas do capitão barbudo. Eles apontam de cortar a cabeça de cada quilombola que conseguir pegar.

Luana não se importa, ladina e escorregadia como ela é, sabe que é gente e nunca deixará que a tratem como coisa. Vê as tropas espalhadas, no pé do morro, mas se arrasta entre os arbustos e passa, sem ser vista, enfiando-se para adentro.



Os olhos de Luana se enchem de lágrimas.

- Mas aqui ninguém se revolta com esse sofrimento?

- Ah, sim, minha filha. Lá em Palmares tem os aquilombados, que fugiram das fazendas e se meteram af pela serra da Barriga acima... - e os olhos do homem brilham por um segundo. De repente, com medo, olha para um lado e para o outro e muda o tom de voz:

- É... quer dizer, eu não conheço nenhum, não. Mas dizem que eles são muitos, são fortes, e que, quando não estão lutando, plantam, colhem e dividem tudo entre si. - Ele se cala, sacode a cabeça e comenta que logo vão chegar à moenda.

Bem-vinda, esperançal

F



iuuuuuuuuu! – Luana pára ao ouvir o assobio.

Depois ouve a risada:

– Puxa, pensei que você nunca mais ia deixar de lado aquele Pai João!

Ela vê um garoto bonito, deve ter uns 15 anos, mas não aparenta mais que 12.

– Oi, eu sou o Benden!

Luana já viu aquele sorriso, mas não consegue se lembrar de onde.

– Sou quilombola, palmarino, nasci livre no quilombo de Palmares... e Zumbi me mandou buscar você aqui no pé da serra.

Mãos dadas, Benden e Luana se embrenham num arvoredo serra acima. Caminham léguas, mas ela sente que não andou mais que alguns metros.

Quando entram na fortaleza, mais uma surpresa:

– Nossa! Tem gente que não acaba mais! – quase grita a pequena guerreira.

– Somos umas trinta mil pessoas nos onze povoados que formam Palmares. Aqui tem negros e indígenas

heráidos de fazendas, de minas e de outros locais em que eram escravizados. E tem até filhos e netos de portugueses e mestiços, cafuzos e caboclos. Somos um povo pobre, mas muito rico, porque a gente trabalha muito e reparte tudo o que é colhido: milho, mandioca, feijão, cana, legumes, batatas, frutas – explica Benden.





- Quando Ganga Zumba era o rei, fez acordo com o governador da capitania e a gente vendia nas vilas o que sobrava da colheita. Vendia em troca de armas e pólvora para defender o quilombo...

Ganga acreditava na amizade dos portugueses... Zumbi, não... Por isso

Ganga foi traído e morreu envenenado... Zumbi é imortal!

A última frase é quase um berro. O menino estremece diante do olhar de Zumbi.

Só aí Luana percebe o homem no topo do morro, em frente ao mocambo maior. Forte, imponente, alto. Com poucas palavras dá ordens para um grupo de guerreiros e todos saem imediatamente correndo, um para cada lado. Ordem de nosso rei não se discute, se cumpre... Ela não tem dúvida, aquele é Zumbi.

Os olhos de Benden brilham fascinados, tanto quanto os de Luana, e revelam por que os quilombolas resistiram tão bravamente a quinze ataques das forças oficiais nos últimos catorze anos.





O rei olha para eles, sorri e diz:

– Bem-vinda, esperança!

Sorrindo, Zumbi se aproxima dela e lhe estende um saquinho de couro, bem molinho. Luana o chacoalha e percebe que lá dentro tem um montão de grãosinhos. Abre, olha e percebe que são sementes, centenas, milhares de sementes.

Diante do olhar de indagação da menina, o líder de Palmares sorri e diz:

– Tenho um trabalho a fazer com meus comandantes. Depois quero falar com você. Nosso Benden vai lhe apresentar a grandeza de Palmares.

Antes que ela responda, o rei se vira e caminha até o mocambo maior.

Cem anos na ponta da língua

Boendem conhece todas as histórias do quilombo porque, à noite, em torno da fogueira, os mais velhos as contam para os mais novos. É o que se chama tradição oral. Aqui ninguém sabe escrever, mas todos sabem tudo sobre o povo de Palmares.



Alguns anos antes de 1600, negros fugidos da escravidão dos engenhos de açúcar refugiaram-se na serra da Barriga e, sob a liderança de uma princesa zulu chamada Aqualtune, fundaram o quilombo de Palmares.

Aqualtune teve três filhos: Ganga Zumba, Ganga Zona e Sabina. Numa das batalhas para destruir o quilombo, em 1626, os invasores incendiaram a choupana em que ela estava abrigada. Assim morreu a matriarca de Palmares.

Quando invadiram o Nordeste, quatro anos depois, os holandeses logo ouviram falar de Palmares – “a primeira república verdadeiramente livre das Américas” – e de seu líder, Ganga Zumba. Igual aos portugueses, organizaram campanhas para pôr fim ao quilombo. E, igual aos portugueses, fracassaram.

Numa manhã de 1655, Sabina, filha de Aqualtune, deu à luz um menino. Naquele dia, os tambores disseram que ele recebeu dos orixás a missão de comandar seu povo. Dez anos depois, numa das invasões dos portugueses – que já haviam expulsado os holandeses do Brasil –, o garoto foi aprisionado por soldados e dado de presente como escravo ao padre Antônio Melo, que o batizou de Francisco. Ele aprendeu português e latim e se tornou coroinha da igreja local.



Mesmo sendo bem tratado pelo padre, que prometeu um dia lhe dar a alforria, ele sabia que liberdade não se ganha, conquista-se. Por isso fugiu e voltou para Palmares. Nada na vida vale tanto quanto a liberdade.

Os tios, Ganga Zumba e Ganga Zona, o receberam de braços abertos e se surpreenderam com suas estratégias para derrotar as tropas comandadas pelo sargento-mor Manuel Lopes.



“Se não pode vencer seu inimigo, una-se a ele”, diz o ditado. Foi isso que fez, em 1678, o governador da capitania de Pernambuco, Pedro de Almeida. Prometeu que, se Ganga Zumba e os demais quilombolas se rendessem e se mudassem para a região do Cucauá, eles daria a alforria. Lá deveriam continuar plantando e colhendo para abastecer as vilas e a capital. Ganga aceitou e se mudou com seus seguidores.

Zumba lembrou que liberdade tem que ser conquistada e que “ninguém pode lhe dar o que já é seu”. Por isso, fugiu com a maioria em Palmares. Não era justo que só alguns negros fossem libertos, se os outros continuavam escravos. Do alto da montanha, seu braço acenou pelo Brasil afofo: “Enquanto houver um único escravo, ninguém será realmente livre”.

Dois anos depois, no Cucauá, Ganga Zumba morreu emvenenado. Tinha acabado de descobrir que o governador jamais cumpriria o que foi prometido.

Com 25 anos, Zumbi era o rei de Palmares e o grande general que comandava a resistência do seu povo.

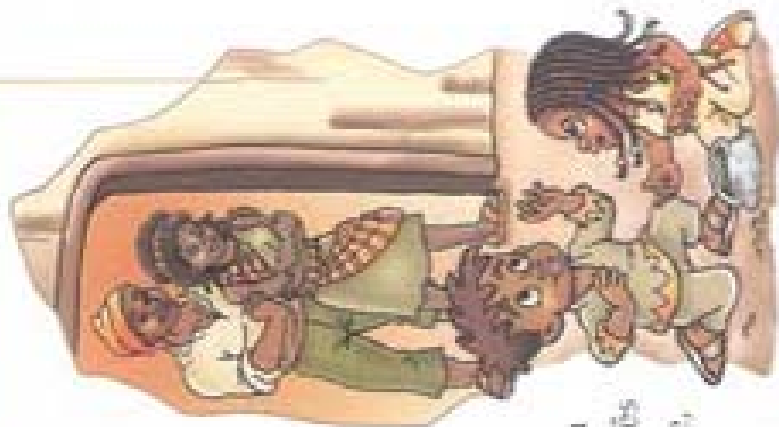


O sonho do rei Zumbi

Luana curte, estasiada, a história que sente ter vivido. Ao mesmo tempo, suas mãozinhas brincam com as sementes que o rei lhe deu de presente. De repente, sua atenção é despertada por uma mulher loura, tão imponente quanto Zumbi, que surge à porta do grande mocambo. É Dandara, a princesa de Palmares, mãe dos três filhos do Zumbi. Guerreira valente, ela planeja, junto com o rei, as estratégias de defesa de Palmares.

Lá no alto, seu sorriso parece o sol. Seu amado se aproxima e a abraça pelas costas, também sorrindo. Depois, sussurra algo em seu ouvido e aponta para Luana e Dandara. Dandara acena e os convida a entrar no mocambo real.

Encantada com tudo o que está descobrindo, Luana ainda não entendeu por que foi chamada ali. Amarrado ao pescoço de couro ao cordão, na cintura, enquanto segue Dandara lhe contar que o rei anda muito preocupado naquele ano de 1695.





- Entre, minha esperança! - ribomba, como um trovão, a voz de Zumbi. Luana treme da cabeça aos pés.

Ele sorri e passa a mão em sua face. Mão áspera do homem acostumado ao trabalho pesado.

- Em Palmares todos temos que trabalhar, trabalhar muito, mas também temos nossas festas, muito batuque, muito jongo, muita roda de capoeira...

Cá-po-ei-ra... está aí a palavra mágica. Luana grita cumprimento e começa a jogar com ele.

Zumbi e Dandara aplaudem, rindo muito. Depois, a princesa diz algo ao ouvido do rei e, dando um beijo na fronte de Luana, apanha uma lança e sai do mucambo.

Viando o sorriso da face, Zumbi lança um olhar átilio para a porta, por onde Dandara saiu. Chama a pequena guerreira para junto de si e conta que tem uma missão para ela. Antes, porém, quer mostrar-lhe o tesouro de Palmares.

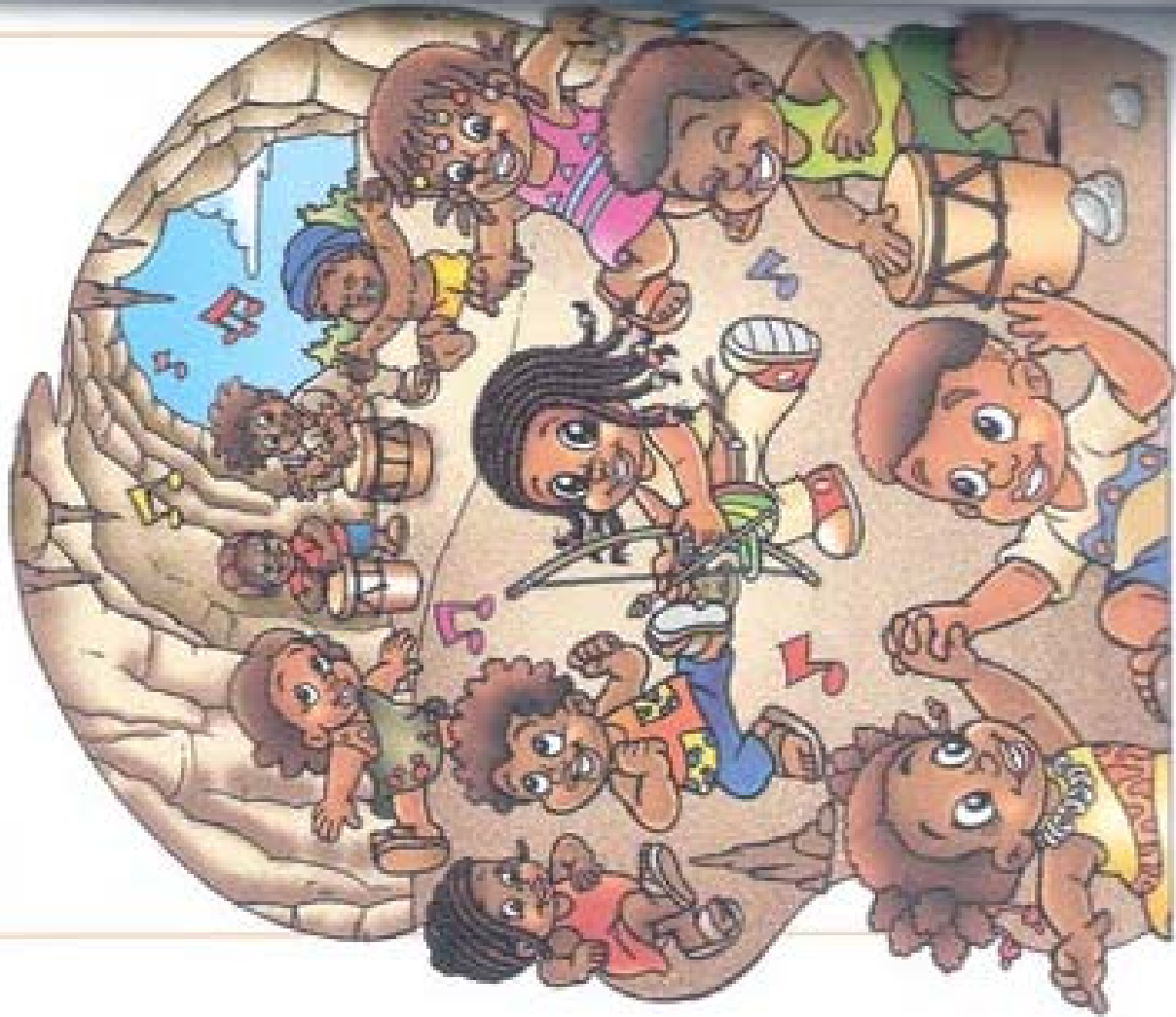
Ele afasta o trono real e descobre a entrada de um túnel, pelo qual caminham durante um tempo. Chegam, finalmente, a uma gruta que parece um imenso salão do outro lado da montanha.

Uma guitarra toma conta do espaço... são crianças cantando e dançando... centenas de crianças, talvez milhares... os maiorzinhos, entre eles os três filhos de Zumbi e Dandara, tocam atabaques, bongôs e outros tipos de tambores, agogôs, ganzás, kalimbas...

- Ah está o único tesouro de Palmares. Sua missão, esperança de Palmares, é fazer com que esse tesouro jamais se perca...

Luana quer entender o que aquilo significa, mas o rei não diz mais nada. Dá um beijinho em seu rosto e sai pelo túnel... Benden repete o gesto de Zumbi e sai correndo também, pelo mesmo caminho. Não quer que a nova amiga veja seus olhos cheios de lágrimas...

O clima de festa faz com que a dívida dê lugar à felicidade, e Luana começa a tocar seu berimbau...



Homens morrem... E sonhos?

La na gruta, no coração da montanha, ninguém fica sabendo que, naquele mesmo momento, o capitão do mato e bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, contratado pelo governador da capitania de Pernambuco, estava invadindo o quilombo, e suas tropas matavam gente que não acaba mais.

Zumbi luta bravamente e foge com seus guerreiros para o matozal, onde vai esperar para atacar de surpresa as tropas. Dandara, à frente de outro grupo de quilombolas, resiste ao ataque, mas cai no precipício da pedreira, atrás do mocambo principal. Seu corpo nunca foi encontrado.

Atacado da morte de sua amada, Zumbi fica deprimido e é morto numa emboscada do capitão-do-mato. Ele é esquartejado e Domingos Jorge Velho leva sua cabeça para a Vila do Recife, onde recebe a recompensa prometida pelo governador.

Não há na gruta do tesouro de Palmares, ninguém sabe de nada disso. O barbucho conseguiu matar Zumbi, mas o seu sonho, não.



Sementes de orgulho e liberdade



Na gruta, tudo o que se sente no ar é a vibração dos tambores e do berimbau de Luana... Tum dundum bac tundum dundum... Derendém... derendém... derendém, derendém... Os sons se

misturam e quase ninguém percebe quando, em meio ao derendém... derendém..., ouve-se um TOIMMMMM!

Um zunido toma conta de tudo e todos começam a girar entusiasmadamente... Dzummmmm... dzummmmm...

EHI VOLTA NO MUNDO, CAMARÁ!
EHI, EHI MUNDO DÁ VOLTA, CAMARÁ!

É um giro muito mais longo do que todos os que Luana já viveu em outras viagens. O saquinho, à cintura, abre-se e as sementes começam a se espalhar. Em cada volta, uma das crianças se desgarra e é lançado longe. O engraçado é que cada uma vai sorrindo e dando adeus às que ficam.

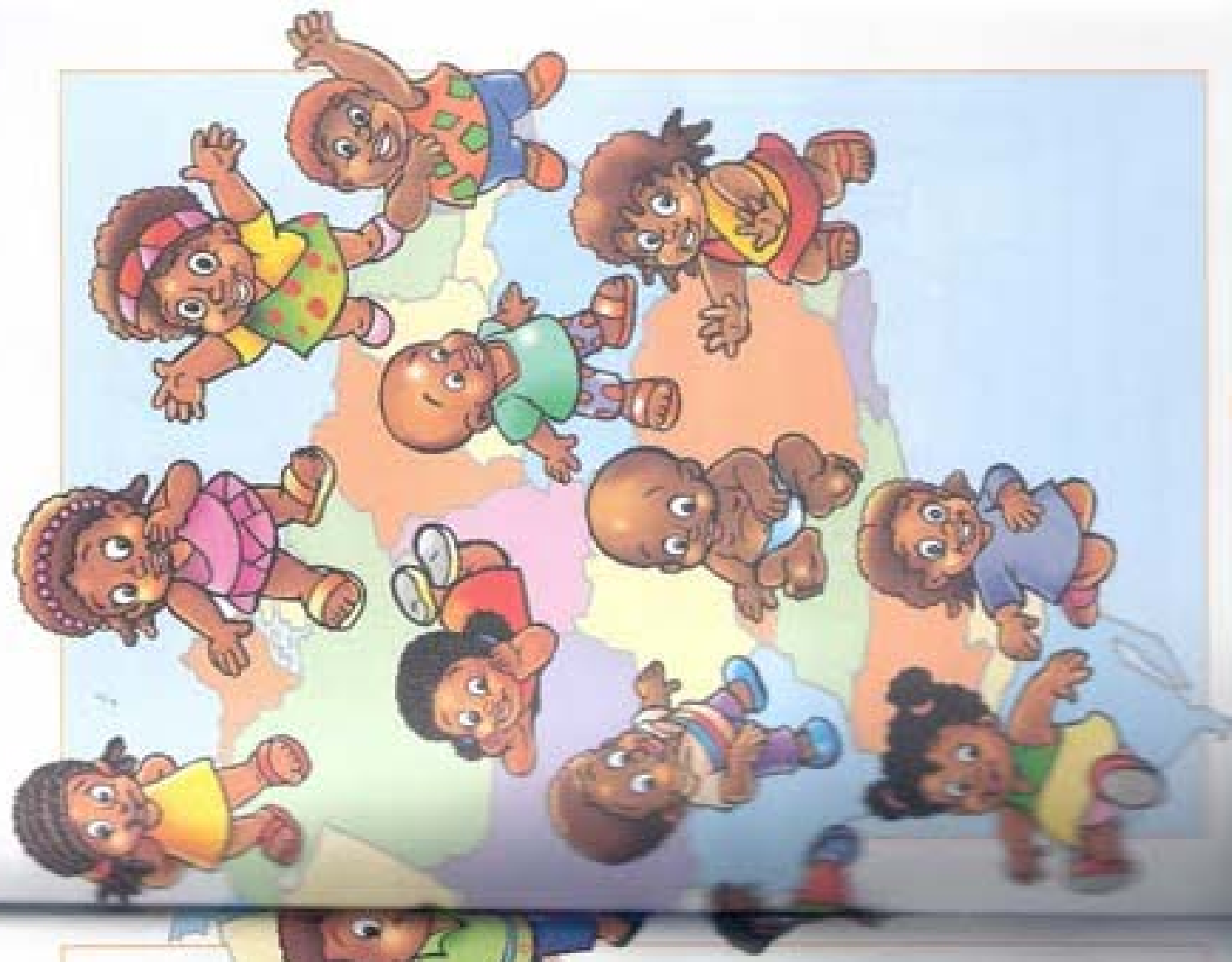


Muito tempo depois, uma a uma

vai reaparecendo em um ponto
deste imenso Brasil: uma em
Oriximiná, no Pará, outra no
rio das Rãs, na Bahia, outra
no Iaporunduva, no Vale
do Ribeira, em São Paulo... e
também uma no Kalungas,
em Goiás, outra em Serra
Talhada, na Paraíba, uma
na Vila Nova da Santíssima
Trindade, no Mato Grosso, e por aí afora...

Centenas, milhares de crianças – com
sua alegria, sua cultura, seu ritmo, sua
ginga, sua capoeira, seu anseio de liberdade,
seu orgulho de pertencer a um povo lindo, forte e
guerreiro – vão se tornando sementes para o nasci-
mento de novos quilombos... a perpetuação do sonho
de Zumbi.

Quando chega a Cafindé, Luana sente que ela se
tornou semente também. Agora entende o que quer
dizer remanescente de quilombo. Não é apenas um
pedaço de terra, é, sim, um pedaço da história verdadei-
ra e maravilhosa de um povo que, por quatro séculos,
participou ativamente da construção da riqueza desta
nação, sem o direito de desfrutar esta riqueza.



É Luana sabe que, hoje, mesmo não sendo mais escravo, ainda falta muito para seu povo ser verdadeiramente livre e ser tratado com todo o respeito a que tem direito.

Lá no quarto, ainda atorloada pelas emoções da viagem a Palmares, ela olha para o boneco, sobre a cama, e reconhece o sorriso de Benden...



Tradição oral é assim, os mais velhos passam para os mais novos, como o presente que a vovó lhe deu... Só então descobre que o nome do pequenino boneco-capota só poderia ser Bendengui... a imagem refletida do seu amigo quilombola.

Luana dorme feliz, abraçadinha com Bendengui. E mesmo dormindo, sorri, pois tem a certeza de que seu herói mágico ainda vai levá-la a muitas outras viagens pela história de seu povo.



E assim, vivemos juntos mais uma aventura de nossa querida Luana. Tomara que você tenha gostado.

Opá! Ouça no ar: Derendém... derendém... derendém, derendém... derendém... derendém... O berimbau mágico de Luana continua tocando, sem parar... E, enquanto ele estiver tocando, sabemos que muitas outras viagens virão.

Esperamos que você, seus amigos e familiares sempre façam parte das Aventuras de Luana.

Final, é muito bom poder se divertir, enquanto se conhece um pouquinho mais o nosso querido Brasil, sua história, seu povo e sua cultura.

Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino



Prepare suas malas para a próxima viagem!



PALMARES SEM SEGREDO O QUILOMBO E SUA GEOGRAFIA

- Palmares era considerado uma Terra Prometida para escravos fugidos dos engenhos e das fazendas e também para indígenas e brancos pobres em busca de vida nova.
- A Serra da Barriga é semelhante a algumas paisagens africanas, por isso os africanos e seus descendentes encontraram ali facilidade para se refugiar.
- Demorou-se dias para chegar a Palmares. A cidadeela (fortaleza para qual) do quilombo era praticamente inacessível. Ficou nos montes altos, quase intransponíveis, em meio à mata fechada, na parte superior do rio São Francisco.
- Na metade do século XVII, havia mais de oito mil habitantes – agricultores, artesãos e comerciantes – e cerca de 1.500 cascas, distribuídas por nove povoados.
- Em Palmares, as leis eram severas: punia-se com a morte o roubo, o adultério, o assassinato e a deserção.
- O rei do quilombo, primeiro Ganga Zumba, depois Zumbi, e seus comandantes eram muito respeitados, mas as decisões mais importantes eram tomadas em assembleias com todos os adultos.
- Zumbi, o grande líder de Palmares, além de valente e temido, era considerado mortal.

RESISTÊNCIA E DESTRUIÇÃO

- O poder colonial organizou dezesseis expedições oficiais para destruir o quilombo de Palmares. As quinze primeiras fracassaram.
- O bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, que destruiu o quilombo, era especialista na caça aos indígenas. Homem sem escrúpulos e selvagem, armado com espingardas, arcos e flechas.
- Palmares resistiu durante vinte e dois dias, até a traição que culminou na morte de Zumbi, em 20 de novembro de 1695.

SEMEANDO O BRASIL

- A Constituição Brasileira de 1988 diz: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir os títulos respectivos".
- Há mais de mil comunidades remanescentes de quilombos em todo o país esperando pelo reconhecimento da propriedade da terra. Mas o processo de demarcação das terras quilombolas é muito lento, até mais que o da demarcação das áreas indígenas.

MINIVOCABULÁRIO

Acé: Saudação maior para o povo nagô. Tem vários sentidos, entre eles o de vitória e o desejo de paz, harmonia e felicidade.

Capitão-do-mato: Chefe de tropas que saíam para caçar e prender, nos matos ou nos quilombos, os negros foragidos das senzalas ou das fazendas.

Chibata: Chicote, vara fina de batedor nos escravos.

Menhina-malungo: Menina companheira, catuada, valente, guerreira.

Mocambo: Cabana, moradia feita de madeira, em meio ao matagal. Para alguns é sinônimo de quilombo.

Mucama: Escrava de trabalho doméstico.

Pelourinho: Coluna de pedra que se colocava em lugares públicos e onde os escravos recebiam castigos. Nele também se prendavam os condenados à fura.

Quilombo: Aldeia ou agrupamento de escravos fugidos.

Senzala: Alojamento dos escravos nas fazendas.



QUEM É

Arnaldo Maccido

Sou formado em engenharia civil. Em 1972, comecei a trabalhar como modelo e manequim. Fui o primeiro modelo negro do Brasil.

Na TV Globo participei durante alguns anos de programas como *Planeta dos Homens*, da novela *Água Viva*, entre outros.

Exercendo a profissão de fotógrafo, mudei para Nova York, lá residindo por 6 anos. Também desenvolvi projetos de vídeo e filmes documentários.

Voltando ao Brasil em 1995, criei, desenvolvi e dirigi a primeira revista direcionada para a população negra, a *Raça Brasil*, considerada o maior fenômeno editorial dos últimos 20 anos.

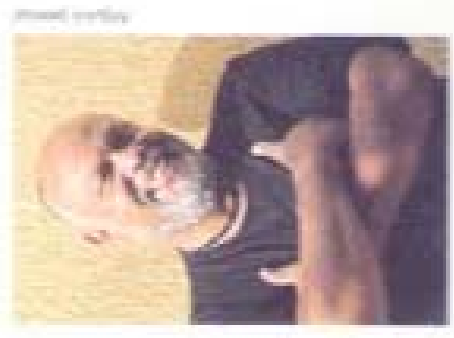
Atualmente, estou à frente da empresa *Tronics*, voltada à criação e produção de projetos de comunicação. Nossa missão é trabalhar com temas importantes para o povo brasileiro, como estas "Aventuras do Foumã".

QUEM É

Arnaldo Faustino

Jornalista desde 1976, também exerceu outras atividades: dramaturgo, compositor e professor de técnicas de redação.

Trabalho atualmente no jornal *O Estado de S. Paulo* e sou colaborador regular da revista *Raça Brasil*. Desenvolvi também cursos e oficinas sobre História, fotografia e literatura afro-brasileira e sobre a aplicação da diversidade na educação.





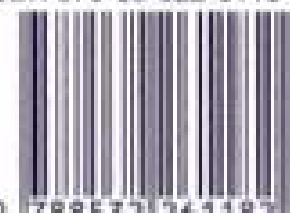
Luana tem oito anos, é graciosa, traz sempre um sorriso doce, adora ler, estudar e jogar capoeira. Com seu berimbau mágico, viaja para outras épocas e lugares, nos levando a aventuras incríveis. Entre outras coisas, ela mostra o valor de nossa herança cultural e a importância dos diferentes povos na formação de nosso país.

Neste livro, Luana encontra o herói negro Zumbi e conhece o verdadeiro tesouro do quilombo de Palmares.

Participe de mais esta aventura, ao som do berimbau mágico de Luana!



ISBN 978-85-322-6118-2



9 788532 261182

13307003